

ARTES PLASTICAS

EXPOSIÇÃO NACIONAL DE ARTE CONCRETA

Manuel GERMANO

O conjunto exposto nas salas do Museu de Arte Moderna de São Paulo sob a rubrica generica (ou talvez particularista) de concretismo não apresenta uniformidade tecnica. Isso ou inculca ser ampla a concepção e o respectivo artesanato, portanto não apresentar fronteiras demasiado ortodoxas, ou inculca haver valores heterogeneos.

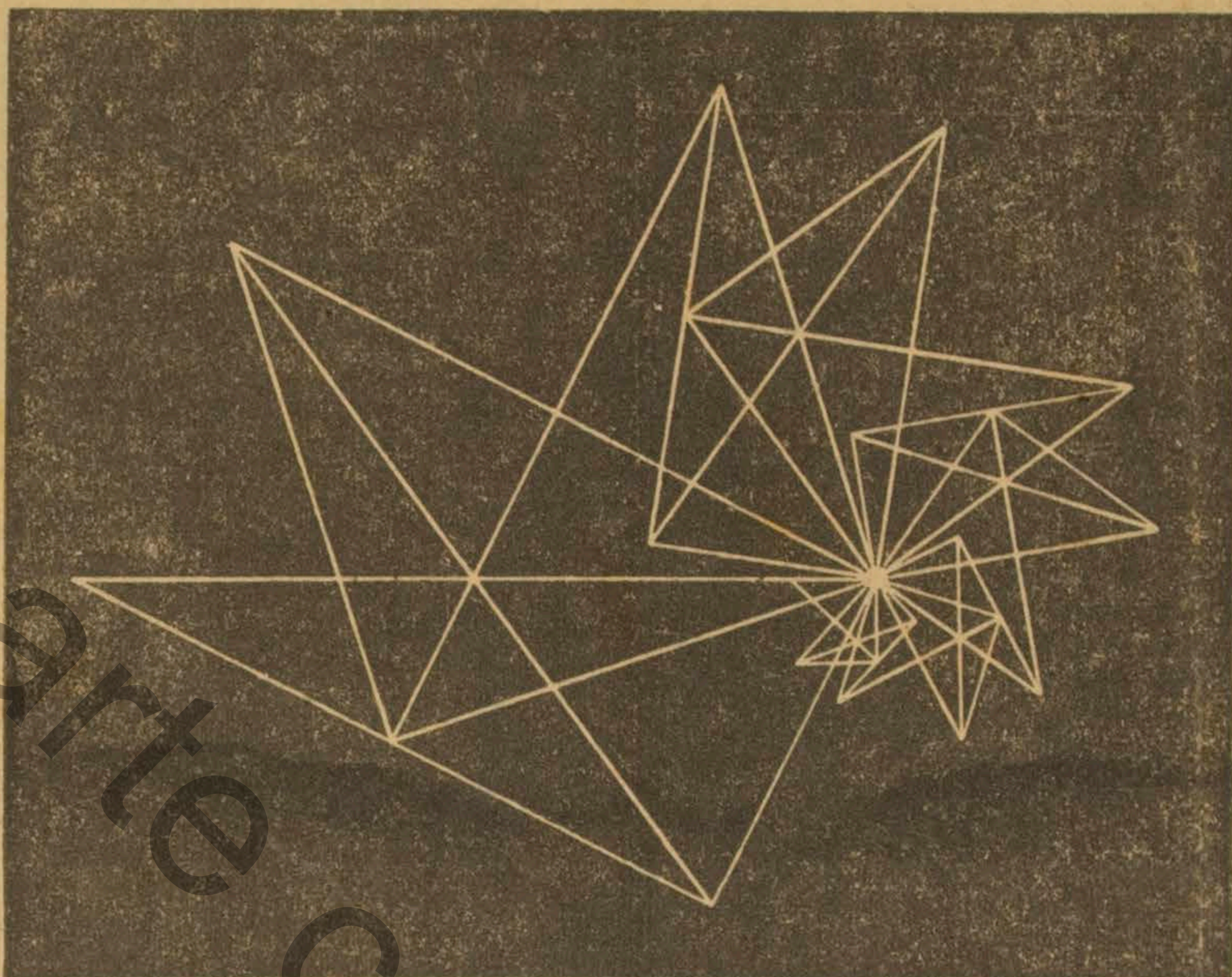
A parte mais restrita e, sem trocadilho, mais estrita como concretismo é sem duvida a escultura. Estavam anunciados trabalhos de Amilcar de Castro, Casimiro Fejer e Frans Joseph Weissmann. Apenas dois escultores remeteram suas peças. Os blocos maciços, rasos, de Casimiro Fejer, se indicam uma linha de pesquisas no tipo de Gabo e Pevsner, são novidade entre nós. Quanto a Frans Joseph Weissmann, sem duvida se acha num desenvolvimento que já ultrapassou a disciplina e a síntese para se tornar uma fase construtiva excelente, de ritmo e de objetividade. Alguns trabalhos no rumo da escultura espacio-dinamica, de Schaeffer, não logram ainda o efeito admiravel dos cubos.

Em pintura, há que distinguir os artistas que ainda se podem incluir na Escola de Paris, entre Sonia Delaunay, o velho Herbin e Dewasne, como é o caso de Rubem Ludolf, dos irmãos Oiticica, e Judith Lauand, esta apresenta tambem um tableau-objet, na feição domeliana. O fato de comporem segundo normas abstracionistas não invalida a rubrica concretismo, a não ser em Decio Vieira e João S. Costa. Estes dois, com bons trabalhos, detêm-se na materia, nas gamas, não se despersonalizam tanto.

Observando-se a serie de Luis Sacilotto, conclui-se que aquilo a que Volpi chegou por intuição sensível e experiencia artesanal, Sacilotto conseguiu com disciplina quase metafisica dentro das buscas triangulares de Enard, losangulares de Lenormand e descentes de Sophie Tauber

Arp. Outro artista que se acha em fase de grande desenvolvimento nos rumos das fontes irisadas de Idoux é Hermelindo Fiaminghi. Sua pintura, lembrando diafragmas e objetivas ou criticas ou jogos de lentes, é de grande valor artesanal e estetico. Ligia Clark não mandou trabalhos que indiquem sua hegemonia nos grupos do Rio dentro da ala concretista. O mesmo se dá com Geraldo de Barros, um dos pioneiros do movimento aqui em São Paulo; remeteu trabalhos de fases já conhecidas, e aliás, boas. Valdemar Cordeiro apresenta, alem do mais, sua melhor peça. Idéia visível, já hoje trabalho tipico como ideograma de linha-ritmo-movimento.

Entre os graficos distinguem-se Ligia Pape, com suas pesquisas de materia e suporte, e Lothar Charoux, de desenvoltura linear



Mauricio Nogueira Lima: "Triangulo-espiral"



Loio Persio — desenho

muito pessoal. Em Mauricio Nogueira Lima destaca-se em fundo negro seu Triangulo-espiral, de fatura e composição excelentes.

Não obstante a diversidade de maneiras, há que admitir uma serie de características que defi-

nem a exposição em dois grupos, o do Rio e o de São Paulo. E há as características afins, genericas, quanto a suporte, emprego de pintura a Duco ou a pistola, abandono da tela, do pincel, do episodio, da vibração, persistindo mais problemas de cor concreta, de espaço sem perspectiva, etc.

O grupo concretista, com consciencia do que faz, está saindo de um marginalismo que a critica e os visitantes eventuais antigamente consideravam fantasias exóticas depois da apresentação suíça na I Bienal. Hoje já constitui um verdadeiro conjunto, tendo pioneiros, adeptos, doutrinas próprias e merito intrinseco. Se predomina certo construtivismo alem de meros arranjos geometricos e cromáticos, esse ritmo de conteudos-produtos apresenta finalidade e visa a uma síntese. Por isso parecerá ser ainda pesquisa de laboratorio e não material para exhibições museologicas. A nosso ver, porem, é as duas coisas. Experiencia e invenção.

EXPOSIÇÃO LOIO PERSIO

Nesta sua primeira exposição individual, Loio Persio apresenta-se como desenhista e pintor do semblante humano.

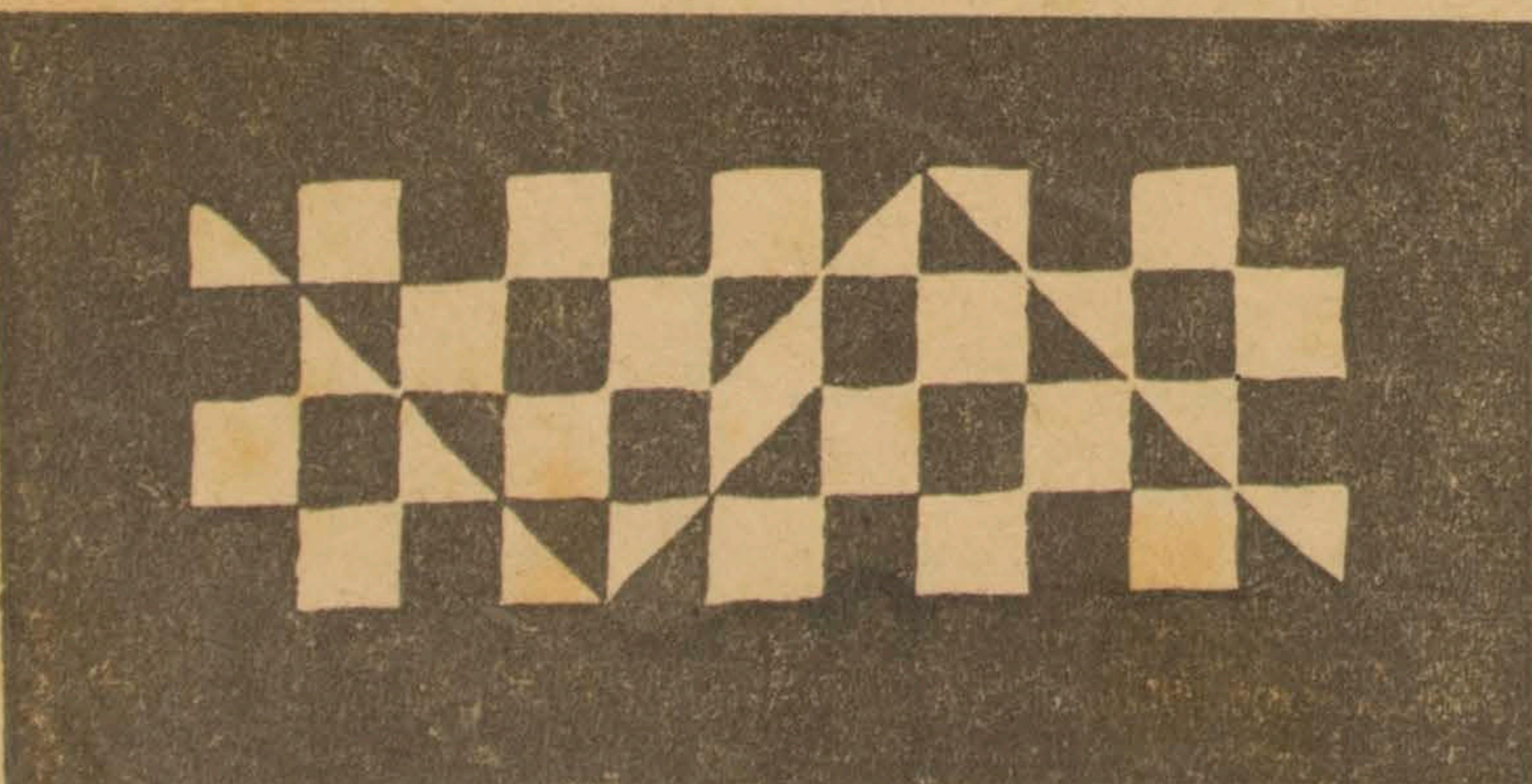


Loio Persio — desenho

O retrato foi ultimamente desenhado até mesmo pelos bons artistas figurativos, como reação espontanea e consciente à plethora e à inflação desse genero em salões oficiais e amadoristicos. Não pode, contudo, ser um tema saturado depois de Modigliani e Van Dongen. Impossível supor-se mesmo que as artes visuais condensassem o registro e a interpretação da fisionomia humana.

A pintura que Loio Persio expõe atualmente no Instituto dos Arquitetos, ocorre tanto nas temperas como nos oleos com um tratamento sutilmente grafico dentro de uma atmosfera pos-impressionista onde os semblantes pairam imersos numa aura fluida e generosa de tonalidades. E sem que isso os sujeite à condição precaria e despersonalizada de ilustração para temas poeticos.

Já os seus desenhos emergem do suporte sem relevo incisivo porem com presença espiritual, sugerindo estados quase plasticos pelo ritmo da composição. Quando conheci seus primeiros trabalhos em Curitiba, Loio Persio, do grupo de Nelson Luz e Viara, desenhava analiticamente, preenchendo intersticios, dando efeitos de volume e planos. Agora restringe-se a sínteses de efeito periferico, com remate bem moderno. Julgamos que a fusão dos dois processos o conduzirá a resultados mais pessoais dentro dos atributos de que esta exposição já é indicadora bem marcante.



Tela de Alfredo Volpi